

**PERSONAGENS NEGROS E INDÍGENAS
NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:
UMA PROPOSTA INCLUSIVA**

Michelle de Chiara Ferreira (UNISUAM)

michellechiara@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

A escola atual tem como uma de suas metas formar alunos leitores, e com este propósito, pesquisamos as histórias em quadrinhos com o objetivo de usá-las como instrumento para se discutir a diversidade de raças e culturas presente em nossa sociedade e como ferramenta didática para formar leitores, utilizando como material: tiras, revistas de super-heróis ou literatura nacionais editadas neste formato, visto que tal gênero combina imagem e texto, refletindo contextos e valores culturais, colaborando com a educação dos leitores e com a ampliação de seus conhecimentos sobre o mundo social. Falaremos de alguns poucos personagens negros e índios existentes nas histórias em quadrinho dos super-heróis, pretendendo mostrar sob que estereótipo eles são classificados nas histórias, possibilitando a identificação e a reflexão do papel social de cada personagem no enredo, estigmatizado de forma negativa ou positiva em determinados contextos.

Palavras-chave: Negros. Indígenas. Super-herói. Diversidade racial.

1. Introdução

Numa época em que a Internet, o mercado de produtos eletrônicos, os videogames e os vários canais de TV por assinatura oferecem tanta opção de entretenimento e diversão, parece destoante falar de leitura como fonte de prazer. No entanto observamos um público que está sempre atento aos lançamentos do mercado editorial e podemos constatar isso através de títulos de sucesso como *A Culpa é das Estrelas*, *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *Jogos Vorazes* entre tantos outros que movi-

mentam as livrarias e as grandes feiras de livro. São obras que motivam crianças, jovens e adultos a entrarem no mundo da leitura, oferecendo histórias com enredos fascinantes e uma linguagem que conquista pessoas de todas as faixas etárias.

Motivadas por este cenário e desejando formar leitores no âmbito da educação básica, as instituições escolares, principalmente as do setor público que atingem as camadas socioeconômicas menos favorecidas, têm se empenhado em incentivar o aluno ao hábito da leitura e essa tarefa tem sido um grande desafio para os docentes. A reflexão social, política e cultural que obtemos a partir do conhecimento dos grandes clássicos, especialmente os de autores nacionais, não têm sido aproveitados por muitos estudantes. Estes, ao iniciarem suas leituras, queixam-se do enredo não atrativo e do tipo de linguagem empregada na obra (com expressões e termos arcaicos pertinentes à época de suas publicações), fatos que, sem dúvida, desestimulam o aluno a conhecê-las.

Diante desta percepção, o governo brasileiro tem adotado, no decorrer de nossa recente história educacional, diversas estratégias que visam melhorar o ensino. Com o objetivo de inovar e ampliar o material didático usado nas escolas, o MEC, no ano 2006, decidiu investir na aquisição de diferentes gêneros textuais, distribuindo assim várias obras atualizadas para serem utilizadas pelos docentes em sala de aula.

2. *Os gêneros textuais*

Mas o que entendemos por gêneros textuais? Para explicarmos tal conceito, lembramo-nos de Bakhtin. Ele foi o primeiro a empregar a palavra gênero com o sentido mais amplo, referindo-se também aos textos que empregamos nas situações cotidianas da comunicação.

Segundo Bakhtin, todos os textos que produzimos orais ou escritos apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tenhamos ou não consciência dela. Essas características configuram diferentes textos, ou como chamamos *gêneros textuais*, que podem ser marcados por três aspectos: o tema, o modo composicional (a estrutura) e o estilo (usos específicos da língua).

3. A questão racial

Numa situação de interação verbal, a escolha do gênero não é espontânea, pois são considerados vários fatores dados pela própria situação comunicativa: quem fala, sobre o que fala, com quem fala, com qual finalidade. Pensando nisso, tais elementos são analisados pelo professor na hora de fazer a escolha do gênero textual mais adequado a colaborar com desenvolvimento da competência leitora, crítica e criativa dos alunos, podendo-se utilizar narrativas em prosa, poemas, histórias em quadrinhos, textos argumentativos, notícias de jornais ou qualquer outro.

Como consequência da inserção de novos gêneros textuais na instituição escolar, no ano de 2007 (dez anos depois da criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE), as histórias em quadrinhos (HQs) finalmente foram incluídas nos acervos distribuídos a bibliotecas dos colégios. Foram 14 livros neste formato e outros 16, em 2008. No ano de 2009, as histórias em quadrinhos já representavam 4,2% dos 540 títulos listados pelo programa e para a sua seleção são levados em consideração diversos critérios como a qualidade das ilustrações, da redação dos textos e, principalmente, o tema focado em cada um. Estas avaliações são feitas por uma equipe do MEC composta de mais de 80 especialistas, oriundos de diversas partes do país, a fim de se obter uma diversidade regional, em que cada profissional vai colaborar culturalmente no momento da escolha dos livros a serem trabalhados nas escolas.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) já contemplam e destacam o gênero histórias em quadrinhos como importante ferramenta ao sugerir o trabalho com diversas mídias em sala de aula. De acordo com os PCN, as histórias em quadrinhos deverão estar inseridas nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes contextos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (BRASIL, 1997).

Entre os motivos para os docentes utilizarem os quadrinhos destaca-se a atração dos estudantes por esse tipo de suporte, que trabalha imagem, palavras, símbolos e signos. Esse gênero se torna envolvente justamente por apresentar o enredo de uma maneira lúdica, o que proporciona prazer na leitura e acaba criando uma ponte entre o mundo real e o ficcional. Vergueiro (2010, p. 21) apresenta a sua posição quanto à utilização dos quadrinhos na escola:

Há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens, sua leitura é muito popular entre eles. A inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico.

Dessa forma muitos professores montam seus projetos pedagógicos escolhendo as histórias em quadrinhos como gênero textual a ser desenvolvido em todas as séries da educação básica, visto que a sua aplicação resulta em compreensão temática, enriquecimento cultural, desenvolvimento do hábito de leitura, ampliação de vocabulário, interação entre os alunos, promovendo a participação de todos os envolvidos no processo de leitura. Corroborando isso, destacamos o pensamento de Almeida (1998, p. 31-32):

[...] a educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática atuante. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, psicológico, enfatizam a libertação das relações reflexivas, criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador de sociedade.

Mediante a possibilidade de usar as histórias em quadrinhos como instrumento para se discutir a diversidade de raças e culturas tão presente em nossa sociedade, faremos um recorte mais definido neste trabalho, enfocando duas raças de grande importância na formação do povo brasileiro: a negra e a indígena, a partir de uma proposta pedagógica inclusiva para a sala de aula.

Quando se fala em inclusão, propõe-se que todas as pessoas tenham os mesmos direitos e as mesmas oportunidades; todos devem ter acesso aos mesmos benefícios, independentemente de etnia, gênero, classe social, religião ou nível educacional. Promover um trabalho com uma visão inclusiva torna-se essencial nas instituições educacionais, uma vez que estas não possuem só o papel de transmitir o conhecimento sistemático de cada disciplina, mas também têm a função de acrescentar valores morais, formando o homem como indivíduo e cidadão. E pensando nesse caráter formativo da escola, faremos a apresentação dos recursos literários em formato de histórias em quadrinhos que podemos usar na escola com a finalidade de promover a inclusão de negros e índios. Respaldados na Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira e indígena em todos os segmentos

da educação básica, tencionamos através do gênero textual em quadernos apresentar temas que devem ser pensados e discutidos pelos alunos.

Vários clássicos da nossa literatura já foram editados em quadernos e podemos destacar algumas obras indianistas, pertencentes à primeira fase literária do romantismo brasileiro: *O Guarani* (que narra a devoção e fidelidade do índio goitacá Peri, à Cecília, uma jovem de família portuguesa; na trama ocorrem situações que geram o ataques da tribo dos Aimorés contra os homens brancos); *Iracema* (história de uma índia tabajara, Iracema, e do soldado português Martim Soares Moreno, a obra é uma representação simbólica da formação da nação brasileira e que mostra os primeiros contatos entre o índio e o homem branco), ambas do autor José de Alencar. Outro clássico nacional apresentado de forma bem interessante é o poema épico *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias (narrativa dos fatos heróicos de tribos indígenas).

Uma literatura agradável que reúne duas linguagens: a verbal, adaptada ao atual uso da língua, e a visual, com desenhos bem traçados e coloridos, colaborando para que a leitura deixe de ser uma atividade desinteressante passando ao status de tarefa de entretenimento entre os alunos. Dessa maneira, é possível fazer uma ligação entre grandes autores nacionais e um público que estaria consideravelmente afastado deles.

Outros títulos podem ser utilizados pelo professor de língua portuguesa, com a finalidade de destacar os aspectos linguísticos no texto, evidenciados no contato comunicativo entre as etnias, e também promover o trabalho interdisciplinar na instituição, através da abordagem de pontos relacionados a outras matérias como geografia, história, sociologia, de modo a oferecer um conteúdo diversificado ao discente.

De acordo com essa proposta, pode-se explorar a obra *Xingu* que apresenta um viés ecológico e social. Muitas partes da história surgiram da experiência do autor Sérgio Macedo com a convivência dos índios caiapós do Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso. O livro conta as aventuras do estrangeiro Vic Voyage (protagonista de outros álbuns de aventura), na região do pantanal mato-grossense, e de sua vivência entre os índios, liderados pelo cacique Raoni. O estrangeiro toma conhecimento da ameaça do homem branco que põe em risco a segurança e a liberdade dos povos indígenas e da própria natureza. A partir do enredo, o professor pode propor debates na sala de aula, objetivando discutir as diferenças culturais pertinentes a cada raça e o desrespeito aos direitos humanos. Em entrevista ao site <http://gibiteca.com.blogspot.com.br>, Macedo

descreve a sua produção da seguinte forma: “... o livro é estritamente cronológico. Não tem nada de ficção. É didático, pedagógico, como um documentário, com começo e fim”. Do mesmo autor temos o título “Povos Indígenas”, que também trata de aspectos culturais dos índios.

Já o livro *Paiaguá – Donos do Rio*, de Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves, é uma história de ficção baseada nos confrontos entre os índios paiaguás e guaicurus contra os colonizadores portugueses, no século XVIII, em Mato Grosso. Um título indicado para se obter mais conhecimento cultural e proporcionar a inclusão dos índios como povo de grande relevância na história do Brasil.

O livro em quadrinhos *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre não se refere especificamente a uma única etnia, pois narra a formação do povo brasileiro. A linguagem de Freyre na obra original obviamente não é adequada para sala de aula (o livro foi escrito em 1933), mas a sua adaptação apresenta uma linguagem atualizada, com desenhos bem elaborados e acompanhando todos os acontecimentos do livro.

Publicado pela primeira vez em 1981, a versão quadrinizada é sucinta e didática, mas permite conhecer as principais ideias da obra do autor. O livro vem sendo distribuído para a realização de oficinas de iniciação à leitura, nas escolas públicas municipais do Recife desde 2001, mediante convênio estabelecido entre a Prefeitura do Recife e a Fundação Gilberto Freyre, e também nas escolas públicas estaduais de Pernambuco. O tipo de enredo de também promove o trabalho interdisciplinar em sala de aula, possibilitando através dos fatos contados a troca de informações concernentes à diversidade racial, ao fenômeno da miscigenação e a herança cultural deixada por cada um dos povos portugueses, africanos e índios desde a época de colonização até a nossa contemporaneidade.

As discussões relacionadas aos temas abordados nos quadrinhos permitem a identificação e a reflexão do papel social de cada personagem na história, o preconceito racial latente, assim como sua manifestação através dos abusos e injustiças contra negros e índios. Não deixando de ressaltar o respeito ao direito da cidadania e a integração social de tais raças na vida secular como função social de um país democrático. Segundo Mendes (1990/1):

As histórias em quadrinhos (...) é um meio de comunicação de massas, cujas histórias são narradas através de imagens desenhadas e textos inter-relacionados. Podem ser publicadas em almanaques, periódicos e revistas. Além de informar e entreter, têm junto a outros meios de comunicação de

massa um papel na formação das crianças. A história em quadrinhos é transmissora de ideologia e, portanto, afeta a educação de seu público leitor. (p. 25)

Como destacado na definição de Mendes (1990/1), esse gênero textual transmite ideologias que se reproduzem através de estereótipos de classe, sexo e raça. Visando a ampliação dessa análise sociológica é fundamental que se exponha alguns conceitos referentes às ações humanas, possibilitando a elaboração dos conceitos individuais formados a partir do senso crítico dos alunos em relação ao enredo. Desejamos citar o conceito de etnocentrismo e estereótipo segundo a sociologia:

O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal”, os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade. Assim, percebemos como o etnocentrismo se relaciona com o conceito de estereótipo, que consiste na generalização e atribuição de valor (na maioria das vezes, negativo) a algumas características de um grupo, reduzindo-o a essas características e definindo os “lugares de poder” a serem ocupados. É uma generalização de julgamentos subjetivos, feitos em relação a um determinado grupo, impondo-lhe o lugar de inferior e de incapaz, no caso dos estereótipos negativos. (Brasil Escola¹³)

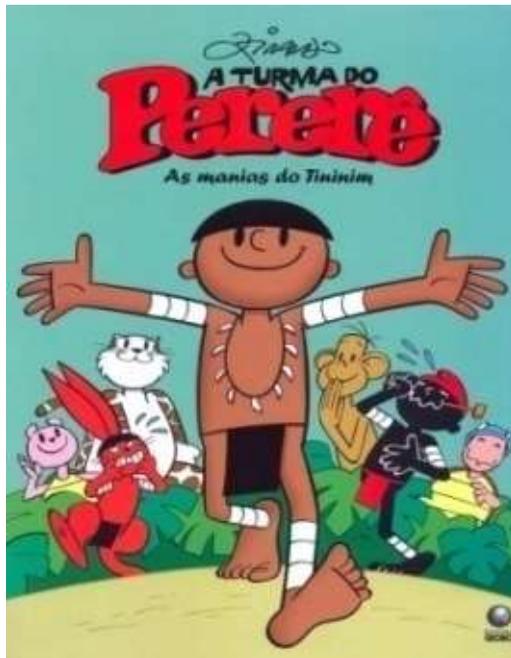
Em diversas situações vemos o negro ser estereotipado de modo negativo, o candomblé e outras expressões culturais dos povos afrodescendentes como o samba e a capoeira foram durante décadas proibidas e perseguidas pela polícia e nos dias atuais representam símbolos culturais do país, através de um processo político inclusivo, mas complexo e de muita persistência por parte dos movimentos negros. Com a promulgação da Lei 10.639, uma nova posição pedagógica foi adotada para a divulgação de tais valores étnicos no país.

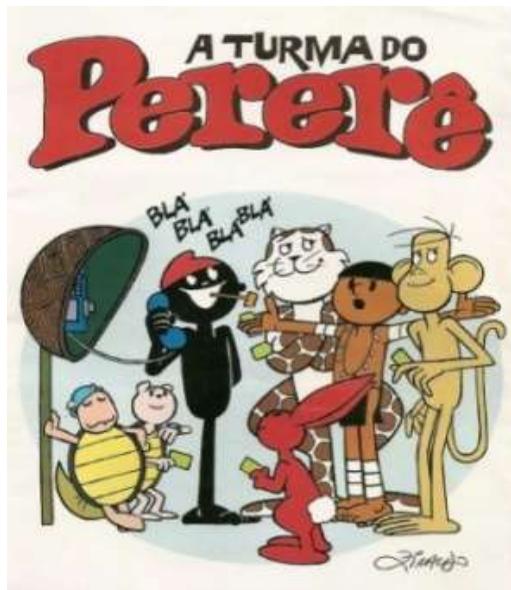
Em função de uma ideologia inclusiva do negro, A história em quadrinhos “Zumbi – A Saga de Palmares” foi lançada no dia 20 de novembro de 2002 (Dia da Consciência Negra), pela editora Marques Saraiva, marcando a data de comemoração de 307 anos da morte de Zumbi. A história tem como tema geral apresentar os quilombos de Palmares, sua formação, seus principais líderes, assim como o contexto cultural e social da época colonial brasileira. Para este intento, a narrativa descreve aspectos do surgimento da escravidão de africanos, o tráfico para o Brasil e os modos de relação entre senhor e escravo. É contínua a associação dos aspectos culturais e das relações escravocratas brasileiras do período colonial com características sociais de hoje. A descrição da cultura e reli-

¹³ Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.com/sociologia/etnocentrismo-estereotipos-estigmas-preconceito-discriminacao.htm>

gião africana na história recebe um destaque interessante, assim como a luta contra o domínio racial. Esses temas podem ser levantados e discutidos com a leitura do livro *Zumbi dos Palmares*, que insere a figura do negro sob um estereótipo positivo valorizando a cultura afro-brasileira e apresentando Zumbi como um bravo guerreiro na história nacional. A especificidade da narrativa de “Zumbi – A Saga de Palmares” é a associação visível da figura histórica com outros heróis em quadrinhos. Ao invés de dar ênfase ao papel histórico de Zumbi, suas relações com outras personalidades, e até mesmo na sua vivência em Palmares, a história o apresenta como um herói.

Outra literatura que oferece bom suporte para se trabalhar a diversidade cultural e racial é *A Turma do Pererê*, do cartunista Ziraldo. A história foi lançada em outubro de 1960 e era mensalmente publicada pela revista “O Cruzeiro”. Inicialmente a obra tinha por título *O Pererê*, dois anos depois, em 1962, virou *A Turma do Pererê*. Com essa criação, Ziraldo foi o primeiro a lançar no Brasil, uma história em quadrinhos de autoria nacional, foi também a primeira revista de um só personagem e a primeira colorida.





Os temas e os personagens são tipicamente brasileiros e podemos destacar entre eles: Tininim (índio natural da Amazônia), Tuiuiu (índia namorada de Tininim) e Boneca de Piche (namorada do Saci). A história se situa na Mata do Fundão, localizada em algum interior do Brasil, onde existem árvores, rios e natureza. O personagem principal e líder do grupo é o Pererê, um saci, personagem da raça negra e presentes nas lendas e folclores nacionais, símbolo do Brasil. A sua caracterização feita por Ziraldo é de um menino alegre, de bem com a vida, herói, diferente do personagem saci, nas histórias de Monteiro Lobato.

Nesta obra, o autor tem como proposta oferecer ao leitor um livro de entretenimento, mas com uma visão educacional e crítica do contexto social vivido na época. “Poucas vezes, no quadro geral da literatura e arte brasileiras, uma obra refletiu com tanta agudeza crítica os problemas sociais de sua época como o Pererê de Ziraldo” (CIRNE, 1971, p. 35). O livro é caracterizado como uma literatura de cunho inclusivo, pois apresenta a diversidade racial, característica da composição do povo brasileiro.

As histórias da Turma do Pererê fizeram tanto sucesso que em 1996, a produtora Sônia Garcia, amiga de Ziraldo, queria que os personagens criassem vida. A série começou a gravada no final de 1998 na ci-

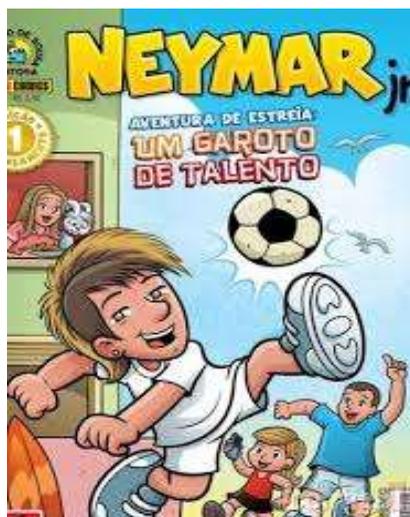
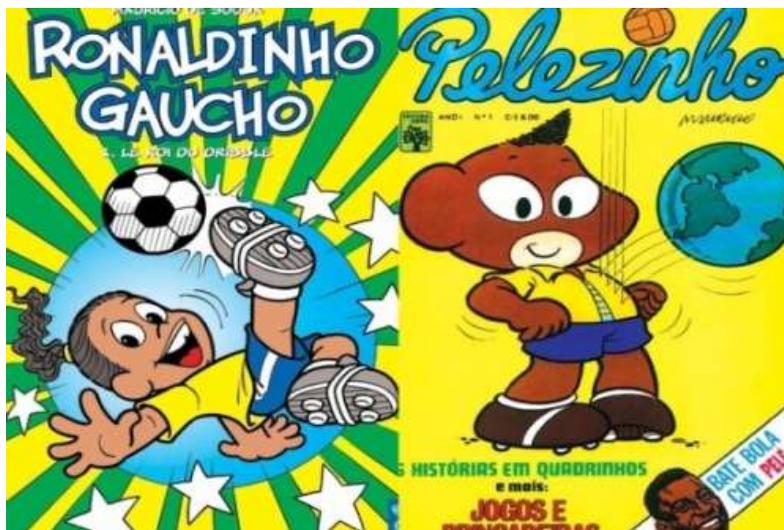
dade de Tiradentes – MG e começou a ser exibida entre 1999 e 2001 na TVE Brasil.

No campo das histórias em quadrinhos, outro autor que merece destaque é Maurício de Sousa, desenhista que introduziu nas histórias da Turma da Mônica alguns personagens negros e índios, apresentando positivamente as diferentes raças e transmitindo às crianças valores de respeito e cidadania. O autor também promove a inclusão racial ao lançar revistas em quadrinhos que homenageiam personagens negros do futebol, transformando-os em heróis animados.

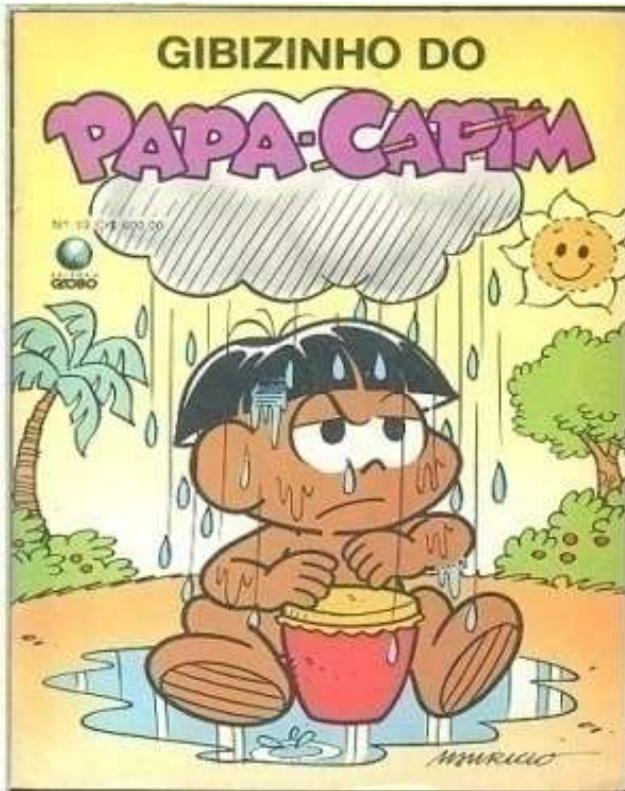
Ao mencionar a colaboração artística de Maurício de Souza não podemos esquecer seu primeiro personagem negro criado em 1960, o Jeremias, que sempre usava boina para esconder sua careca. Seu tataravô, o príncipe Jeremim, foi trazido para o Brasil na época da escravidão e ajudou inúmeros escravos a fugir. Nas primeiras publicações, o personagem era de cor preta, a ponto de ser todo pintado de nanquim (mais precisamente nos anos 70). Com o tempo, foi sendo "suavizado", seus lábios diminuíram um pouco e sua pele ganhou um tom castanho (veja a gravura).



Em 1976, Maurício de Sousa lançou em homenagem ao rei do futebol, o personagem Pelezinho. Ronaldinho Gaúcho entrou no gibi em 2006, no papel de um garoto de 7 anos que adora jogar bola, com sotaque sulista, torce para o Grêmio e gosta de churrasco. Já o craque da seleção brasileira Neymar Jr. nasceu nos quadrinhos em abril do ano passado, por meio de um personagem que tem 10 anos, idade com que o jogador começou no esporte.



Outra criação relevante do autor, em 1970, foi o personagem Pa-pa-Capim, um menino índio, integrado à sua tribo e à natureza. Vive na Floresta Amazônica cultivando as lendas e a cultura dos índios brasileiros. Observe a primeira capa abaixo, que mostra um ritual com dança para atrair a chuva, de acordo com as crenças indígenas e a preocupação do índio com a fauna e a flora.



Papa-Capim também conta com um amigo inseparável, o Cafuné, que o acompanha nas caçadas, pescarias e às vezes nas fugas, quando encontram índios ferozes de outras tribos ou quando a caça decide atacá-los. Na história, há uma indiazinha, a Jurema, da aldeia do Papa-Capim e que sempre teve um olhar mais atencioso para ele. Nos quadrinhos abaixo, identificamos no texto elementos da cultura indígena: quando Cafuné se refere à lua como Jaci, de acordo com a lenda do povo; e quando os personagens associam o desmatamento da floresta à chegada do progresso, visto que para construir é preciso derrubar as árvores da floresta. Esses enredos são importantes recursos pedagógicos para os jovens leitores terem conhecimento dos costumes indígenas, do seu modo de vida e da sua história de origem.

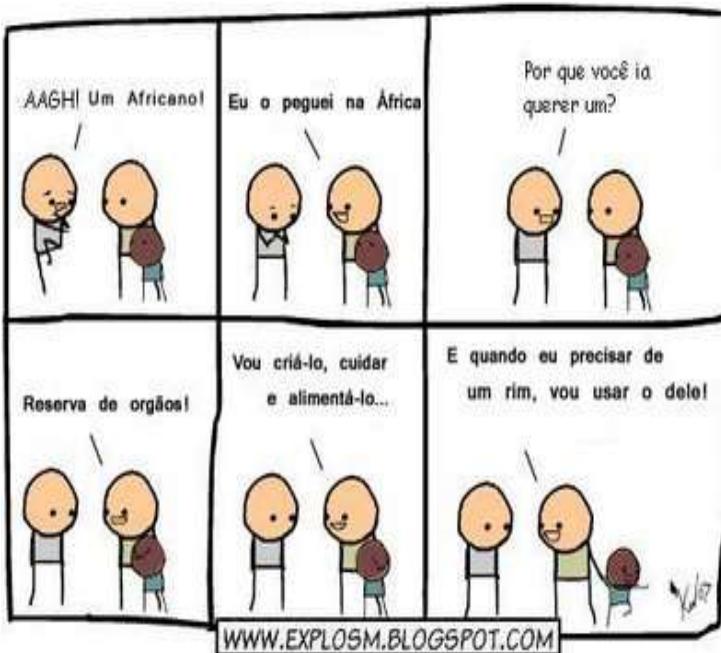
Um excelente material didático é a utilização das tiras de quadrinhos e podemos escolher algumas para trabalhar o tema da aula refe-

rente ao estereótipo negativo do negro. O quadrinho da turma da Mônica usa fatos históricos para fazer uma crítica, neste caso o preconceito é classificado como social e não racial, pois ocorre entre membros de mesma etnia. Nesta tirinha a discriminação é manifesta pelos personagens negros que são segregados em grupo superior e inferior. O primeiro grupo é formado pelos negros que desempenham uma posição de poder e prestígio social (um negociante escravagista) em oposição ao segundo, escravos, que não têm recursos financeiros para pagar pela sua liberdade e são vendidos como mercadoria.



Tirinhas publicadas em revistas e jornais também podem ser utilizadas a respeito do tema preconceito racial. Observemos a tira da menina *Mafalda*, desenhada pelo cartunista argentino Quino. Em suas histórias, ela sempre demonstra preocupação com a humanidade e a paz mundial. Percebemos o etnocentrismo presente no texto, através da fala da colega da Mafalda, a menina loira, que representa o grupo superior em valor, julgando os negros como grupo inferior. A fala “Afinal, nós somos todos iguais! Como é que vou ter preconceito racial?” representa a camuflagem de um pensamento preconceituoso e que ainda está presente na sociedade contemporânea. Comprovamos a desconstrução desse discurso através do comportamento e da ação da referida personagem, quando diz que vai lavar o dedo, demonstrando asco ao ter tocado no boneco negro que é considerado por ela como algo sujo.

A tira faz uma forte crítica em relação ao pensamento de determinados grupos sociais detentores de uma conversa decorada e que na prática se desconstrói por meio de ações contrárias ao que se defende. A declaração dos direitos humanos é um ótimo recurso a ser utilizado com a turma, pois além de proporcionar o conhecimento das leis, ela oferece respaldo para o confronto das ideias preconceituosas transmitidas no texto. Vamos analisar o quadrinho seguinte (www.explosm.blogspot.com):



Depois de ler a tira, vemos a manifestação do pensamento discriminatório através do estereótipo negativo do negro como objeto adquirido e que se pode “pegar para criar”, como se fosse um animal de rua, não possuindo direito algum nem mesmo sobre os seus órgãos. O texto fala que o menino negro foi trazido da África, conforme acontecia com os escravos na época da colonização nacional, o que demonstra o pensamento escravocrata conservado ainda por muitos da sociedade. Esses referenciais ideológicos descumprem os artigos I, II e IV da declaração dos direitos humanos (1948, p. 1) que assim diz:

(I) Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade. (II) Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (IV) Ninguém será mantido em escravidão ou servidão, a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Outro recurso semanticamente depreciativo foi o uso da interjeição “AAGH!” indicando nojo pela criança, o diálogo dos personagens demonstra o desrespeito pelo ser humano negro.

Numa diferente tira, retirada do mesmo site, encontramos outro exemplo de etnocentrismo, estereótipo e preconceito sofrido pelo personagem negro.



A história narra uma situação de *bullying* em que aparece um personagem, que se julga o superior do grupo em relação aos demais. A percepção de poder já se dá pelo tamanho dos bonecos e pelas feições. O mais forte é maior, sua expressão facial demonstra irritação e domínio pelo grupo dos menores que são subjugados, embora se mostrem alegres. A segregação se dá por força, por tamanho, possivelmente por idade (o que não fica bem explícito na tira), e pela raça, a partir do momento que se faz a distinção de cor entre os componentes do grupo que é considerado inferior. Neste caso, a mensagem transmitida na tira fere os direitos humanos, que não são respeitados de acordo com os artigos II e VII (p. 1, 1948):

(II) Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. (VII) Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Os quadrinhos tiveram sua propagação inicialmente através dos jornais como entretenimento, mas ganhou destaque mundial com as produções de super-heróis. Conseqüentemente, as histórias em quadrinhos acabaram tornando-se um meio de comunicação de massa cada vez mais popular. Segundo Cirne (1970, p. 45),

Os quadrinhos nasceram dentro do jornal – que abalava (e abala) a mentalidade linear dos literatos, – frutos da revolução industrial... e da literatura. Seu relacionamento com a televisão seria posterior – que o esquema literário que os alimentavam culturalmente seria modificado, mas não destruído. Em contradição dialética, os quadrinhos (e o cinema) apressariam o fim do romance, criando uma nova arte – ou um novo tipo de literatura – tendo o consumo como fator determinante de sua permanência temporal.

4. *Considerações finais*

A escola deseja formar alunos que tenham por hábito o exercício da leitura e para isso tem investido em gêneros textuais mais adequados a colaborar com desenvolvimento da competência leitora, crítica e criativa dos alunos. Com esse propósito, pesquisamos as Histórias em quadrinhos com o objetivo de usá-las como instrumento para se discutir a diversidade de raças e culturas presente em nossa sociedade e como ferramenta didática por meio de tiras, revistas de super-heróis ou literatura nacionais editadas neste formato. Sabemos que esse gênero textual é muito bem recebido pelos estudantes, visto que é uma literatura que combina imagem e texto, refletindo contextos, valores culturais, colaborando com a educação de seus leitores, transmitindo estereótipos e ampliando seus conhecimentos sobre o mundo social.

Observamos que as mudanças sociais têm colaborado muito para que a figura do índio e do negro apresente um estereótipo positivo e com o objetivo de promover a inclusão racial, várias editoras têm publicado obras nacionais em quadrinhos cujos protagonistas são representantes de tais raças. Autores como Ziraldo e Mauricio de Sousa produzem literaturas que promovem o respeito à diversidade social com a integração de personagens de diferentes raças.

Promover projetos pedagógicos com uma visão inclusiva torna-se essencial nas instituições educacionais, uma vez que estas têm a função de acrescentar valores morais, formando o homem como cidadãos conscientes do respeito às diferenças do outro, presente dentro e fora dos muros da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. *Educação e lúdica: técnicas e jogos pedagógicos*. São Paulo: Loyola, 1998.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A *PSICOLOGIA do mundo mágico de Maurício de Sousa*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6515062/A-psicologia-do-mundo-magico-de-Mauricio-de-Sousa>>.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. 2. ed. São Paulo: Atual, 2005.

CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Souza*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. *Para ler os quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1972.

DECLARAÇÃO universal dos direitos humanos. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm>.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo, Cortez, 1989.

LEI 11.645. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2002010/2008/lei/111645.htm>.

MENDES, M. R. S. *El papel educativo de los comics infantiles: análisis de los estereotipos sexuales*. 1991. – Tese (de Doutorado). Facultad de Ciencias de la Información da Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

PINTO, Ziraldo Alves. *Todo Pererê*, vol. 1. Rio de Janeiro, Salamandra, 2002.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa – ensino fundamental – 1ª a 4ª série*. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>.

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa – ensino médio*. Brasília. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.